

ILHA DA MADEIRA

INSTALAÇÃO

DE UM

POSTO ZOOTÉCNICO

30 de Dezembro de 1968

Cap.º I - Situação actual

1 - Utilização do solo

Dos 73 700 ha de área ocupada pela Ilha da Madeira apenas 20 000 (27%) são explorados agricolamente, quer em culturas arvenses e hortícolas de rotação, quer em culturas permanentes.

Tão fraca percentagem de terra agrícola deriva, por um lado, da natureza do solo onde os afloramentos rochosos dominam e, por outro, do acidentado do terreno onde os acentuados declives eliminam daquela utilização vastas áreas. Assim o povoamento florestal e os incultos pesam grandemente na ocupação do solo madeirense (66%).

1-1 - População

A população da Madeira é da ordem dos 300 000 habitantes, dos quais cerca de 100 000, ou seja 1/3, vivem no concelho do Funchal.

Assim cada habitante dispõe, na Ilha da Madeira de 2 450 m² de área total e 660 m² de área agrícola.

1-2 - Estrutura das explorações

1-2-1 - Fragmentação da propriedade

A existência de 27 141 explorações relacionada com o total da área agrícola dá-nos logo ideia do tipo minifundiário da agricultura madeirense, pois, em média, a cada exploração cabem 7 300 m².

Contudo este aspecto é ainda agravado pela fragmentação da propriedade cuja expressão pode ser avaliada pelo número de prédios que compõem as explorações e que passamos a referir:

<u>Nº. de prédios</u>		<u>Nº. de exploradores</u>
1	-	7 977
2-3	-	8 383
4-5	-	4 934
6-9	-	3 577
10-19	-	1 998
20 ou mais	-	272

Verifica-se, assim, que as 27 141 explorações se dispersam por cerca de 100 000 prédios, correspondendo a estes uma área média de 2 000 m².

1-2-2 - Explorações com culturas arvenses e hortícolas

Das 27 141 explorações 22 668 dispõem de culturas arvenses e hortícolas, processando-se estas em explorações com as seguintes dimensões:

Até 0,5 ha	-	19 856
De 0,5 a 1 ha	-	2 119
De 1 a 5 ha	-	673
De 5 a 10 ha	-	16
De 10 a 20 ha	-	4

Vê-se, assim, que cerca de 87% das explorações têm dimensão inferior a 1/2 ha e se quiséssemos descer a maior por menor poderíamos verificar que cerca de 50% do total das explorações não atingem os 1 000 m².

1-2-3 - Culturas efectuadas na área agrícola

Vinha	-	1 500 ha
Banana	-	1 200 ha
Cana	-	1 300 ha
Vime	-	300 ha
Pomar estremes	-	400 ha
Culturas hortícolas, etc.	-	12 800 ha

1-2-4 - Culturas efectuadas

As culturas são bastante diversificadas na Ilha da Madeira dando-nos, a relação seguinte, ideia da sua maior ou menor dispersão:

<u>Culturas</u>	<u>Nº. de explorações</u>	<u>Produções</u>
Batata	- 23 936	- 40 000 T
Batata doce	- 21 267	- 60 000 T
Trigo, milho , centeio e cevada	- 15 087	
Vinha	- 13 737	- 12 000 m ³
Feijão	- 9 573	- 1 500 T
Fava	- 7 418	
Banana	- 6 891	- 36 000 T
Milho	- 6 419	
Cana	- 5 238	- 50 000 T

<u>Culturas</u>	<u>Nº. de explorações</u>	<u>Produções</u>
Inhame	- 3 712	- 500 T
Hortícolas para venda	- 3 213	
Vime	- 2 036	
Cevada	- 1 828	
Tremoço	- 1 116	
Pomar	- 988	
Beterraba sacarina	- 31	
Chicória	- 17	
Amendoim	- 14	

Importa aqui salientar que exceptuando a vinha, a banana, a cana e pouco mais, culturas cujas produções se integram numa verdadeira economia de mercado, pois constituem a base dum mercado de exportação com real significado para a Ilha, as restantes situam-se no âmbito das economias de abastecimento, sendo, em regra, insuficientes para colmatar as necessidades do próprio agregado populacional.

1-2-5 - Formas de exploração da terra

A defeituosa estrutura da propriedade condiciona e favorece, naturalmente, uma muito diversificada forma da sua exploração.

Assim em cerca de 55% das empresas agrícolas a exploração é de conta própria, verificando-se nas restantes 45% os mais diversos sistemas ou tipos de contrato.

2 - Pecuária Madeirense

2-1 - Efectivos

O povoamento pecuário da Ilha da Madeira é o seguinte (1965):

Espécies	Nº.de explora- ções c/gado	Nº.de cabeças	
		Naturais	Normais
Cavalar	21	48	48
Muar	1	2	2
Asinino	97	127	63
Bovino	13 805	20 831	16 665
Ovino	3 922	16 164	1 616
Caprino	5 200	8 466	847
Suíno	14 353	16 754	3 351
Galináceos	23 716	181 628	-
Outros animais de capoeira	-	22 613	-
Total.....			22 592

Excluindo galináceos e outros animais de capoeira, cuja sustentação, em face do quadro atrás descrito, terá de ser feita, fundamentalmente, à custa de alimentos importados, verificamos que na pecuária madeirense domina o bovino. Esta espécie representa, em cabeças normais, 74,5% do conjunto da população. Em ordem de grandeza seguem-se-lhe a espécie suína com 15%, a ovina com 7%, a caprina com 3% e as cavalas, muar e asinina, no seu conjunto, com 0,5%.

A densidade pecuária da Ilha é, pois, da ordem dos 0,30 cabeças normais por ha de área total e de 1,12 cabeças normais por ha de área agrícola. Se excluirmos desta a parte reservada a culturas permanentes, cuja contribuição para a alimentação animal é, naturalmente, modesta, verifica-se que a densidade pecuária em relação à área destinada à cultura arvense e hortícola toma expressão bastante elevada.

Se atendermos em que, segundo a informação estatística, as 27 141 explorações não dispõem de pastagens permanentes e que as suas minguadas áreas não consentem, em regra, a cultura anual de forragens, teremos a explicação para o drama em que se debate a pecuária da Ilha da Madeira.

Por outro lado a necessidade da existência de gados como fonte de matéria orgânica indispensável às exigentes culturas agrícolas praticadas ou à realização de receitas que cubram as necessidades de sustentação da família e, por outro, a precariedade das disponibilidades forrageiras, fruto de uma defeituosa estrutura das explorações e de um solo que nasceu mais para o turismo que para a pecuária.

Em relação a anos anteriores (1940 e 1955) notam-se acentuados decréscimos em quase todas as espécies, mas em particular, na Bovina, Suína e Caprina.

2-2 - Equídeos

Não têm expressão que justifique quaisquer considerações especiais neste relatório e julgamos que, no capítulo da produção, lhe não está reservado, no futuro, papel de interesse no âmbito agrário madeirense.

2-2-2 - Bovinos

A pecuária bovina madeirense assenta em biotipos de função mista leite-carne.

O chamado " mestiço-madeirense ", para cuja formação terão contribuído variadas raças, representa 90% do efectivo bovino da Ilha. É um animal de média corpulência, fraca precocidade

e com uma produção de leite que se reputa entre 1 200 a 1 500 litros por lactação.

Da raça Holandesa existem cerca de 200 vacas cujas produções se cifram em 3 500 litros/lactação.

Em 1959 fez-se uma importação de Red-Danish com a finalidade de se estudar a adaptação desta raça ao meio madeirense e, se julgado conveniente, promover a absorção do gado indígena.

O efectivo desta raça conta hoje cerca de 40 vacas cujas produções controladas se situam entre 2 500 a 3 500 litros/lactação. Do cruzamento de Red-Danish x Mestiço Madeirense existem presentemente cerca de 1 500 vacas em lactação cujas produções se estimam entre 2 100 e 3 200 litros. Regista-se ainda, por efeito deste cruzamento, maior precocidade dos vitelos à nascença e ao desmame.

Os regimes de exploração são predominantemente de tipo estabular permanente, registando-se em alguns casos o regime misto.

A alimentação tem por base os subprodutos das várias culturas agrícolas, sendo pouco expressiva a contribuição dada pelas forragens expressamente cultivadas com tal finalidade.

Nos últimos tempos, com a instalação de algumas fábricas produtoras de alimentos compostos, o recurso ao concentrado vem-se processando em ritmo crescente.

Como a exploração agrícola, a exploração bovina é de tipo minifundiário ou disperso. Assim das 13 805 explorações detentoras de animais desta espécie 66% dispõem apenas de 1 cabeça, 25% de 2 cabeças, 7% de 3 a 5 cabeças e apenas 2% de 6 ou mais cabeças.

2-2-3 - Ovinos

A estrutura agrícola da Madeira é pouco ajustável à exploração ovina. Por isso mesma esta só toma alguma expressão, ainda que modesta, nas pastagens naturais das zonas altas povoadas por rebanhos colectivos.

A par de uma população local, de difícil caracterização étnica, encontramos ali representadas algumas raças de origem continental como a Merina, a Bordaleira da Serra da Estrela, a Mondegueira e a Churra Algarvia, e, bem assim, afastadas reminiscências de algumas raças inglesas.

Os regimes de exploração vão desde o estabular ao pastoril permanente. No primeiro caso a base alimentar encontra-se nos subprodutos da exploração agrícola e no segundo nas pastagens naturais das zonas de altitude.

Para além da produção de estrumes registada em alguns casos, não conseguimos ver quais as finalidades da exploração da espécie. Com efeito só muito raramente se pratica a mungição e o borrego não constitui, como veremos mais adiante, produto com larga aceitação no mercado de carnes.

-2-2-4 - Caprinos

Embora ainda com razoável representação numérica o efectivo caprino, em variação étnica mais ou menos desordenada, não tem e parece não vir a ter, destacada expressão no armentio madeirense.

2-2-5 - Suínos

Em relação ao censo de 1955 o efectivo suíno baixou consideravelmente no censo de 1965 (29 700 para 16 700 (a)).

O regime de exploração é estritamente confinado ou estabular e a média de cabeças por exploração pouco excede a unidade, enquadrando-se perfeitamente dentro da economia de subsistência que caracteriza a maior parte das explorações agrícolas madeirenses.

A alimentação destes animais tem por base os produtos e subprodutos das explorações agrícolas em que se integram. O recurso a alimentos compostos adquiridos no mercado revela, porém, tendências para aumentar.

Étnicamente a suinicultura madeirense é dominada por biotipos mal caracterizados ou, pelo menos, revelando influência mais ou menos remota de várias raças, entre as quais nos permitimos destacar as Large-White, Duroc-Jersey, Berkshire, Large Black, Essex, etc. Consequência de acentuada desnutrição ou, pelo menos, de regime alimentares profundamente desequilibrados e de ausência duma política zootécnica adequada os animais que observamos revelam um tipo tardio, curto, e de tendências adipogénicas, numa palavra, afastados das modernas orientações da produção suína.

2-2-6 - Galináceos

O surto de desenvolvimento que, em todo o Mundo, se tem operado neste sector, atingiu igualmente a Madeira onde se registou o aparecimento de alguns bons aviários, povoados por animais de elevada produtividade.

(a) É possível que em 1965 o censo não tenha incluído a classe de leitões.

2-2-7 - Conclusão

No estado actual das coisas e abstraindo o sector avícola que, nos aspectos da exploração e da produção, tomou posições que bastante o afastam do sector agrário, verifica-se que são as espécies bovina e suína as que, por razões de vária ordem dominam o panorama pecuário da Ilha da Madeira, Fontes preciosas de matéria orgânica indispensável à cultura intensiva praticada nas zonas baixas, origem de receitas parcas mas persistentes e, por isso, muito apreciadas pelas economias mais débeis, mealheiro em que se converte um sem número de subprodutos que doutro modo seriam atirados à moutureira, estas 2 espécies ocupam lugar de relevo nas explorações agrícolas da Ilha.

As restantes espécies e, em particular, a ovina parecem não ter ambiente físico, nem clima económico que permitam nelas depositar grandes esperanças.

3 - Produção e consumo

3-1 - Produtos com destino à alimentação animal

A produção de forragens verdes, com base em culturas anuais, é manifestamente escassa e limita-se, por assim dizer, a algumas milharadas e ferrãs. Os trevos e a luzerna ensaiam os seus primeiros passos. Por isso mesmo a conservação de forragens é pouco menos que desconhecida, limitando-se à fenação do pouco que sobra das necessidades do momento. A silagem, dada a pulverização da propriedade e a escassa dimensão das explorações, não parece ter promissor futuro.

No sector dos cereais a produção visa a colmatar parte das necessidades da própria exploração e a Ilha é importadora habitual de largas quantidades destes, quer com destino à alimentação do homem, quer dos animais.

A profunda modificação deste quadro parece não ser de esperar, dadas as limitações naturais impostas à exploração agrícola e derivadas, em larga medida, da própria configuração dos terrenos onde a mecanização encontrará dificuldades quase insuperáveis à sua expansão em termos de viabilidade económica.

Resta o sector dos prados permanentes e pastagens naturais cuja implantação ou melhoramento nas encostas e planaltos das zonas altas pode vir a constituir, num enquadramento silvo-pastoril bem estudado, achega preciosa para a expansão e intensificação da produção animal.

3-2 - Produtos animais

Não considerando a produção de matéria orgânica, embora esta constitua, em boa verdade, justificação da presença pecuária em muitas explorações, importa salientar, entre as produções animais, o leite e a carne.

3-2-1 - Produção de leite

A produção de leite de vaca, único com real expressão, cifra-se em cerca de 18 milhões de litros por ano, dos quais 7 destinados ao consumo em natureza e 11 à indústria.

Do leite industrializado produz-se manteiga e queijo, produtos que são consumidos in loco, destinando-se os excedentes às províncias ultramarinas e ao próprio continente. É de destacar ser mínima a percentagem do leite destinado à produção do queijo, pelo que a economia da referida indústria se encontra na dependência da manteiga, sem dúvida o mais pobre dos produtos fabricados a partir do leite.

De destacar ainda a progressiva redução do volume de leite trabalhado pela indústria o qual em 1967 se cifrou em 58% do volume atingido em 1952. Para além doutras razões, a justificação do facto deve encontrar-se no baixo e desactualizado preço do leite o que parece ser confirmado pela pronta resposta da produção ao subsídio de \$40 por litro de leite instituído pelo Ministério da Economia em 1967.

Pelo que toca ao consumo em natureza salienta-se a baixa capitação média que não chega a atingir o decilitro/dia (23 litros/ano).

3-2-2 - Produção e consumo de carne

O consumo de carne das diferentes espécies é da seguinte ordem:

	Produção própria		Importação		Total da carne consumida	
	Cab.	Quilos	Gado vivo dos Açores			
			Cab.	Quilos		Quilos
Bovino adulto	8 247	1 445 856	1 105	296 065	490 000	2.231 921
Vitela	2 336	152 064	259	6 832	-	158 896
Ovino	767	11 839	-	-	-	11 839
Caprino	138	1 934	-	-	-	1 934
Suíno	1 673	142 374	-	-	5 000	147 374
Totais	-	1 754 067	-	302 897	495 000	2.551 964

(a) - Não inclui os porcos abatidos para abastecimento familiar.

Os números registados neste quadro permitem-nos verificar:

- a) - Que a produção própria satisfaz 68% das necessidades visíveis do consumo;
- b) - Que os déficits se registam, fundamentalmente, no sector da carne de bovino;
- c) - Que é muito reduzida a procura de carnes das espécies ovina e caprina. Com efeito o número de cabeças abatidas para consumo público, além de insignificante, é manifestamente desproporcionado com o numerário dos efectivos existentes;
- d) - Que o mesmo acontece no sector suíno, embora de forma menos expressiva e aliás explicável pelos hábitos tradicionais da matança para abastecimento familiar, fora de registo ou notação estatística. Importa ainda salientar que, por força da redução de efectivos ocasionados pela peste suína africana, a importação de carne desta espécie sofreu importante agravamento no primeiro semestre do ano corrente.

4 - Comercialização e preços

4-1 - Dos animais

A comercialização dos animais é feita segundo as normas tradicionais. Assim as vendas são feitas directamente ou naquelas intervém o intermediário, negociante da especialidade, que compra e vende.

Os preços não se afastam muito dos praticados no continente. Assim temos:

Vaca adulta (Holandesa ou cruzada de		
Red Danish.....	8 a 9	000\$00
(Mestiço madeirense).....	6 a 7	000\$00
Vitelo de 21 dias - Holandês ou cru-		
zado.....	1	500\$00
Mestiço.....	1	100\$00
Ovelha adulta.....	250 a	300\$00
Borrego de 6 meses.....	150 a	180\$00
Cabra adulta.....	500 a	600\$00
Cabruto de 3 meses.....		150\$00
Marrã de 6 meses.....		1 000\$00
Leitão de 6 semanas.....		200\$00

4-2 - Dos produtos animais

Para a carne de bovino adulto funciona sistema de preços de garantia idêntico ao praticado no continente.

Este preço é de 26\$00 o qual já inclui o subsídio de 4\$50. Por sua vez a carne de novilho beneficia, no Matadouro do Funchal, do subsídio de 2\$00 por quilo.

Para as restantes carnes está fixada uma tabela que, no fundo, se destina apenas a servir de base à fixação dos preços na venda ao público.

O quadro seguinte resume a situação:

Espécie	Preços oficiais	Preços reais
Vitelo	25\$00	32\$00
Bovino adulto	27\$50-26\$10-24\$00 (a)	35\$00
Borrego	18\$25	24\$00
Cabrito	16\$75	22\$00
Porco	-	19\$00
Frango	-	19\$00 (vivo)

(a) - Acrescido de 2\$00 para o novilho

Para o leite de vaca o seu preço é de 2\$70, incluindo neste o subsídio de \$40 estabelecido pelo Ministério da Economia a título de fomento da produção para os leites classificados na classe B.

Na Madeira existe o hábito da indústria devolver ao produtor o leite desnatado correspondente ao leite por este entregue. Nestas circunstâncias o produtor recebe apenas 1\$90, uma vez que o leite desnatado é valorizado em \$80 por litro.

4-3 - Das forragens

Referimos já que, em regra, os animais são mantidos com os subprodutos das culturas agrícolas, sendo, por isso, pouco significativo o papel desempenhado pelas culturas forrageiras na sustentação dos efectivos.

Como índices de preços poderemos indicar:

Palha de cereais.....	- 1\$00 o quilo
Milho (farinha).....	- 2\$20 o quilo
Feno.....	- 1\$20 o quilo
Sêmea.....	- 1\$30 o quilo
Farinhas Compostas:	
Vacas leiteiras.....	- 2\$70 a 3\$10
Suínos (crescimento	- 3\$00 a 3\$80

Suínos (engorda).....	-	3\$00	a	3\$50
Frangos.....	-	4\$60	a	4\$90
Galinhas (postura).....	-	3\$80	a	3\$90
Pintos.....	-	4\$30	a	4\$70

A aveia apenas se cultiva para verde e a cevada produzida destina-se à preparação do café. O consumo de milho é da ordem das 16 000 T, das quais 15 000 importadas.

Para camas utilizam fetos colhidos nos incultos ou nas zonas florestadas.

5 - Orientação zootécnica

Em boa verdade só em matéria de bovinicultura existem linhas de orientação conducentes a uma programação do trabalho zootécnico.

Com efeito e abstraindo qualquer exame crítico aos princípios estabelecidos, tudo se conjuga no sentido de promover a uniformização dos efectivos através da absorção da população local pela raça Red-Danish.

Para o efeito montaram-se os serviços de inseminação artificial que beneficiam cerca de 10% do efectivo local e foram instalados 4 postos oficiais de reprodução natural em Postos Agrários providos com reprodutores masculinos da raça Red-Danish. Os serviços de inseminação artificial utilizam sêmen Red-Danish e Holandês, o primeiro para a produção de cruzados e absorção e o segundo para multiplicação em raça pura da população holandesa existente.

A importação de Red-Danish e, portanto, o início destes trabalhos tiveram lugar em 1959. Os resultados do cruzamento têm sido favoráveis o que era de esperar em face, por um lado, do baixo nível produtivo da população local e, por outro, do vigor genético obtido pelo cruzamento.

Nas áreas ainda não abrangidas pela inseminação artificial a reprodução dos efectivos é assegurada pela presença de 170 reprodutores mestiços madeirenses instalados em postos particulares de reprodução.

Os contrastes leiteiros e os registos genealógicos ou zootécnicos têm pouca expressão o que não admira dada a pulverização dos efectivos e, portanto, o elevado custo daquelas operações.

Pelo que se refere às restantes espécies - ovinos, caprinos e suínos - o seu atraso é bem evidente e não se deduz, do que observamos, a existência de qualquer orientação definida e concreta.

Capº. II - Perspectivas

6 - Produção

Haverá que reconhecer, antes de mais, que as dominantes topográficas e pedológicas da Madeira constituem factores limitantes da exploração agrícola em geral e, de modo especial, da cultura de largo número de espécies arvenses.

Com efeito o acidentado do terreno, agravado pela pulverização da propriedade e pela irregular configuração das folhas de cultura, constituem sérios obstáculos a uma capaz e eficiente mecanização da agricultura, factor hoje considerado fundamental e indispensável ao desenvolvimento e até à sobrevivência do sector.

Isto explica a notável diferença entre as agriculturas madeirenses das zonas de baixa e de altas altitudes, pois enquanto as primeiras, pela sua elevada rentabilidade conseguem prosperar, apesar dos pesados encargos de mão d'obra, as segundas, de rentabilidade modesta ou deficitária, oferecem o aspecto artesanal, confinando-se, praticamente, à função de simples abastecedoras dos próprios utentes.

Assim e embora se tenha ainda como possível o aumento da área agrícola à custa dos incultos e das zonas dominadas pelas matas, a verdade é que o seu processamento não poderá deixar de ser lento, em face do modesto incentivo económico que tais recuperações proporcionam. Em contrapartida pensa-se que o melhor aproveitamento dos baldios e incultos existentes através da implantação de prados de composição florística adequada, poderá constituir preciosa contribuição para o adensamento da pecuária madeirense, uma vez planificada a sua racional utilização.

Poderíamos concluir dizendo que no aspecto produtivo temos, como factores positivos, o clima e a água, cuja utilização é possível na grande maioria das culturas e, praticamente, em toda a Ilha e como factores limitantes, para o caso que nos ocupa, a defeituosa estrutura das explorações, as limitações da mecanização impostas pelo acidentado e a escassêz do solo que, cada vez, será mais solicitado para a produção de géneros indispensáveis e com directa utilização na alimentação de uma população assaz densa.

Nestas circunstâncias e embora nos pese constatá-lo, seria sofismar as realidades depositar grandes esperanças num acentuado progresso do sector pecuário na Ilha da Madeira.

O meio difícil em que a pecuária é forçada a manter-se e as ineludíveis necessidades que impõem a sua presença, são factos que, por si só, justificam a execução de estudos através dos quais se procure o seu adequado enquadramento no ambiente específico da Ilha.

7- Consumo

A vocação turística da Ilha da Madeira, consequência natural do seu clima e da sua beleza ímpar, e da fidalga hospitalidade do seu povo, associada a uma população nativa extremamente densa, cria duas ordens de problemas no ponto de vista de abastecimento em produtos alimentares.

Dum lado temos os aspectos quantitativos e de variedade e regularidade do abastecimento os quais, em face da exiguidade do solo agrário, em medida apreciável ainda reservado para culturas destinadas à exportação, e da densidade populacional, não podem deixar de criar certas preocupações, sobretudo quando consideradas as naturais reivindicações da população rural reconhecidamente difíceis de satisfazer com os sistemas agrícolas tradicionais em vastas zonas do solo madeirense.

Doutro lado temos os aspectos qualitativos de extrema importância quando se tenha em vista manter o tradicional afluxo de um turismo de elevado poder económico.

De entre os produtos alimentares com manifesta importância nas condições referidas destacaremos os de origem animal e, em particular, o leite e a carne.

No que respeita ao leite se, na verdade, este é produzido em quantidade que supera as exigências imediatas de abastecimento, no que toca à qualidade algo haverá que fazer no sentido de a melhorar.

Pelo que se refere à carne, além da quantidade produzida, especialmente a de bovino, se mostrar insuficiente para a satisfação das necessidades locais, também no aspecto qualitativo haverá que orientar os criadores no sentido de serem conduzidos a produzir os tipos de carcaças que mais interessam ao abastecimento. Assim a produção de novilho deve merecer especiais atenções, pois será a forma de dar satisfação às exigências do consumo qualificado da produção flutuante e também dos estratos da população nativa com maior poder de compra.

Da mesma forma profunda revolução deverá operar-se na produção suína que convém seja orientada no sentido de animais precoces, com alta produção de carne e, portanto, menos gordos.

Pelo que toca à carne de ovino referiu-se já - e esta observação resulta da simples apreciação das notações estatísticas respeitantes ao consumo público - que esta pouco conta para o abastecimento. Não deveremos, no entanto, esquecer que algumas das correntes turísticas da Madeira provém exactamente de Países onde a carne de borrego é muito apreciada, e, por isso mesmo, tem consumo e preços elevados. Ora a simples introdução de normas racionais na criação e alimentação dos borregos nos primeiros 3 meses de vida e, se necessário, uma mais correcta orientação zootécnica no sentido da obtenção de tipos mais ajustados à produção cárnica, poderiam constituir para a criação de um mercado capaz de valorizar uma produção hoje praticamente sem cotação.

Cap^o. III - O posto zootécnico da Madeira

8 - Justificação

De quanto referimos anteriormente ter-se-à de concluir que a Ilha da Madeira constitui aquilo que poderíamos designar por " ambiente difícil ou pouco favorável " ao desenvolvimento da pecuária.

Para o caso dos herbívoros pesa a escassez e o elevado preço dos alimentos verdes e para todos a insuficiência em cereais e outros componentes que participam na formulação dos chamados concentrados ou alimentos compostos.

Com isto queremos significar que a pecuária da Madeira não surge como consequência de um meio onde importa aproveitar os bens em que a natureza se desventura, como é o caso nas zonas que dispõem de vastos e ubérrimos prados ou as produções cerealiíferas excedem as necessidades locais e, por vezes, as possibilidades de exportação, como se verifica em certos Países do Norte da Europa, dos Estados Unidos da América, etc.

Assim e mau grado a adversidade do meio, a pecuária instalou-se e tem de permanecer por imperativo do enquadramento agrário onde a matéria orgânica por ela produzida se tem por indispensável e por exigências de abastecimento em produtos alimentares de primeira necessidade.

Ora porque a exploração animal da Ilha da Madeira se reveste de dificuldades emergentes de condicionalismos socio-económicos e agrários específicos e ainda porque se trata de uma actividade sectorial com largo interesse para o abastecimento público em produtos essenciais à vida das populações, a existência

dum estabelecimento zootécnico tem plena justificação, na medida em que dele se pode esperar substancial contribuição para o estudo e resolução dos problemas que lhe ficarão affectos.

9 - Funções do Posto Zootécnico

Entre as funções ou acções que devem ficar cometidas a este Estabelecimento, destacaremos:

- a) - Fomento e melhoramento animal através da produção, distribuição e controlo de reprodutores masculinos ou do respectivo sêmen.
- b) - Estudo e planeamento da produção animal no Arquipélago, em colaboração com os restantes sectores agrários oficiais, corporativos, cooperativos e privados.
- c) - Estudos no domínio do melhoramento animal, da alimentação e do maneio.
- d) - Preparação profissional no sector pecuário.

10 - Localização e domínio rústico

Está prevista a localização do Posto Zootécnico numa propriedade com cerca de 14 ha (susceptível de sofrer alguma ampliação através da compra de courelas confinantes), situada no lugar do Nogueira, freguesia da Camacha, concelho de Santa Cruz e à distância de cerca de 9 quilómetros da cidade do Funchal. Os terrenos que a compõem são algo acidentados, mas susceptíveis de mecanização. Verificam-se afloramentos rochosos de onde em onde, mas supõe-se que uma cuidada despedrega consiga eliminá-los.

O solo tem boa aptidão agrícola e possibilidades de rega.

11 - Ocupação pecuária

11-1 - Espécies

Considerando que o acento tónico da pecuária madeirense se põe nas produções de leite e de carne, logicamente que as atenções do Posto Zootécnico se terão de concentrar nas espécies bovina e suína.

Pelo que se refere à espécie bovina não tem a Madeira condições para explorar raças especializadas na produção de carne, pelo que esta terá de viver em complementação da produção do leite, isto é, da recria e engorda dos animais jovens que excedam as necessidades de substituição dos efectivos leiteiros.

Daqui e desde logo ressalta a conveniência de manter na exploração leiteira um biotipo que seja, ao mesmo tempo, razoável produtor de carne, ainda que com certo prejuízo da função leiteira. Aliás, não existem, na Madeira, condições para a explo-

ração de animais de altas potencialidades leiteiras. No equilíbrio mais conveniente entre estas duas funções residirá, em larga média, o objectivo a atingir na exploração do bovino madeirense.

Nestas circunstâncias o Posto Zootécnico albergará um efectivo bovino que permita, para além da acção de fomento que lhe é cometida, a realização de ensaios atinentes à recolha de elementos indispensáveis à programação dos trabalhos de melhoramento animal e ao aperfeiçoamento das técnicas de manejo indispensáveis ao progresso do sector.

Pelo que respeita ao sector da suinicultura convirá eleger uma raça como melhoradora dos efectivos locais, naturalmente dentro das especializadas na produção de carne magra, constituindo-se no Posto Zootécnico um núcleo com dimensão suficiente para, em tempo válido e a partir dos reprodutores nele produzidos, modificar e orientar a criação local no sentido desejável. Assim o Posto funcionará, numa primeira fase, como centro de multiplicação e distribuição de reprodutores, reservando-se, para fase subsequente, a instalação de um centro de testagem.

11-2 - Efectivos pecuários

Atentas as finalidades enunciadas e a área rústica disponível os efectivos a manter em exploração no Posto Zootécnico deverão ser os seguintes:

a) - Bovinos:

Vacas adultas	-	10	
Novilhas de 1 a 2 anos	-	5	
Novilhas de 4 a 12 meses	-	5	
Novilhos de 4 a 12 meses	-	20	
Novilhos de 12 a 18 meses	-	10	
Vitelos de 1 a 4 meses	-	60	<u>110</u>

b) - Suínos:

Varrascos	-	2	
Bácoros (Substituição)	-	4	
Porcas (reprodução)	-	40	
Bácoros de 2 e 4 meses para distribuição	-	140	
Bácoros de engorda	-	20	<u>206</u>

Para manutenção deste efectivo conta-se:

- Com a área rústica actualmente existente;
- Com a possível ampliação do domínio rústico através da compra de courelas confinantes;
- Com o apoio dos Postos Agrários e a conceder através do fornecimento de fenos e palhas;
- Com a aquisição de concentrados no mercado.

13-3 - Instalações

No Posto Zootécnico deverão prever-se, em princípio, as seguintes construções:

a) - Direcção e Administração

Em edifício isolado deverão ser instalados:

- A direcção com 2 gabinetes;
- Os serviços auxiliares com 2 gabinetes;
- A administração com 1 secretaria e 1 arquivo;
- Os serviços de preparação de pessoal com 1 sala de aulas e 2 gabinetes.

b) - Alojamentos para bovinos

Comportarão essencialmente:

- Uma estabulação livre para 10 vacas tendo anexo uma sala de mungição mecânica com fins demonstrativos;
- Instalação para 2 grupos de 5 novilhas cada;
- Instalação para novilhos em recria (2 grupos, sendo um de 20 animais de 4 a 12 meses e outro de 10 animais de 12 a 18 meses);
- 1 viteleiro com capacidade para 60 animais de 1 a 4 meses.

c) - Alojamento para suínos

Constarão do seguinte:

- 2 celas para varrascos;
- 2 celas para varrasquetes (2 varrasquetes por cela);
- 20 celas para porcas aphilhadas;
- 4 celas para porcas gestantes (5 porcas por cela);
- 6 celas para bácoros dos 2 aos 4 meses (24 bácoros por cela);
- 2 celas para bácoros em engorda (10 bácoros por cela;
- 2 celas individuais para isolamento.

d) - Instalações complementares

- 2 silos com capacidade unitária de 100 T;
- 2 nitreiras com capacidade total para 400 m³;
- 1 coberto para recolha de palhas e fenos;
- 1 hangar para recolha de máquinas e alfaias;
- 1 armazém para concentrados e preparação de alimentos compostos;
- 2 casas de habitação para pessoal auxiliar (tratadores) e refeitório para o pessoal eventual.

14 - Inseminação artificial

Não se previu a instalação, no Posto Zootécnico, dos serviços de inseminação artificial, porquanto se julga que, embora estes lhe devam ficar afectos, a localização no Funchal, junto da Intendência de Pecuária, terá maiores facilidades à sua execução e expansão.

Nestes termos os reprodutores devem ser concentrados na Estação de Estudos de Reprodução Animal, em Lisboa, que fornecerá o sémen congelado, periódicamente, ao centro de inseminação que funcionará no Funchal.

Por esta mesma razão não consideramos no efectivo do Posto Zootécnico a existência de toiros.

Estação Zootécnica Nacional, 30 de Dezembro de 1968

O DIRECTOR,

Ass) Joaquim Portugal